

METAFÍSICA DO TEMPO, DO FUTURO E DA HISTÓRIA EM ANTÔNIO VIEIRA

Victor Nojosa de Oliveira¹
Evanildo Costeski²

RESUMO : O presente artigo pretende analisar a metafísica do tempo, do futuro e da história como a única instância promotora capaz de instaurar no cosmo a plena unidade. O processo de renovação da totalidade compreenderá a transformação das temporalidades de conformidade com a Providência do Ser divino sem prejuízos para o exercício da liberdade humana, pois os seres humanos são integrados ao Ser divino em uma relação de recíproca correspondência. Para tanto, a opção metodológica dessa investigação se fundamenta em interpretações exegéticas de questões centrais presentes em várias obras do padre Vieira, sem privilegiar uma obra específica.

Palavras-chave: Tempo; História; Futuro.

METAPHYSICS OF TIME, THE FUTURE AND HISTORY IN ANTÔNIO VIEIRA

ABSTRACT: The present intends to analyze the metaphysics of time, the future and history as the only promoter instance capable of establishing full unity in the cosmos. The process of renewal of totality will comprise the transformation of temporalities in accordance with the Providence of the divine Being without prejudice to the exercise of human freedom, since human beings are integrated with the divine Being in a relationship of reciprocal correspondence. Therefore, the methodological option of this investigation is based on exegetical interpretations of central issues present in several of Vieira's works, without privileging a specific work.

Keywords: Time; History; Future.

226

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Unida. Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Especialização em andamento em Psicanálise pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: victor.nojosa7@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3568-952x>

² Possui mestrado em Filosofia (1997) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (2004). Pós-doutorado no Centro de História e Cultura da Universidade Nova de Lisboa (2012). Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. Membro externo do Instituto Eric Weil (IEW) da Université Charles-de-Gaulle Lille. Professor do Curso de Mestrado e Doutorado em Filosofia da UFC e do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO). E-mail: evanildoc@uol.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8713-915X>

1. Introdução

Para Antônio Vieira, as questões temporais e atemporais possuem atributos metafísicos. Por esta razão, podemos considerar a relação entre tempo e Providência como sendo norteadora de um projeto teleológico que converterá todos os gêneros temporais à ordem temporal sublime. Em certo sentido, essa conversão se concretizará no tempo histórico, pois Vieira procura dar concretude ao futuro e não centra sua análise somente no passado como objeto de verificação, ou seja, a história vieiriana, a despeito de conter aspectos transcendentais, pode ser feita no Ser pela correspondência humana também. Nesse caso, estaremos diante de uma concepção de história que em certa medida se aperfeiçoa. Concomitante ao aperfeiçoamento da história, a humanidade crescerá em humanização.

Por outro lado, Vieira aponta também para os futuros e para o exercício da liberdade humana e visa compreender as características otimistas do futuro contingente e incontingente, bem como a dinâmica operada pelo Ser divino em sua supervisão. É nesse ponto que eclode a tensão entre liberdade humana e Presciência Divina. A despeito de toda essa problemática, o Padre Antônio Vieira concebe a metafísica originada na infinidade, assim sendo, as verdades eternas são significadas nos fluxos e determinações temporais e são perfeitas no Ser divino. Essas verdades abarcam todas as modalidades de tempos: tanto do passado, como do presente e do futuro. Elas podem ser compreendidas a partir de figuras imperfeitas que demonstram analogamente suas diversas determinações contingentes, díspares e comuns e estão presentes nos instantes da ordem temporal para instaurar um projeto uno na história e no futuro. A partir desses elementos problematizaremos o conceito de metafísica do tempo, do futuro e da história e sondaremos em que medida o conceito de unidade ontológica abrange a conexão do cosmo em uma totalidade.

2. Tempo e providência

Em Vieira, o tempo, ente criado, é efeito e ícone da Primeira Causa e possui substância metafísica, e embora possua uma dimensão histórica, não se submete à imposição da história, pois suas modalidades são desiguais: exatamente porque são gêneros similares e não idênticos. Nesse sentido, não há uma repetição dos modos temporais no tempo. Essa dinâmica desigual do tempo coloca a humanidade diante do futuro como um horizonte ainda

não realizado. Na *Chave dos Profetas*³, Vieira diz:

É que neles nem “dia” significa “dia”, nem “hora” significa “hora”, ou “semana” significa “semana”, da mesma maneira que nem “ano” significa “ano”, ou “século” significa “cem anos”, ou o próprio “tempo”, que é de significação indefinida, significa “tempo indefinido”, mas sim “definido” (Vieira, 2014a, p. 352).

A aparente não realização imediata do tempo providencial não implicará em pulverização do programa divino, pois a Providência implantará em todas as temporalidades suas determinações. Existe uma relação essencial entre o acontecer e o tempo oportuno da sua efetivação mediante o tempo providencial. Os seres humanos são condicionados à diferença e ao instante do tempo, ao passo que o Ser divino administra o tempo de forma inteligente de conformidade com seu plano. Na obra *A Plenificação da História em António Vieira*, Paulo Borges expõe essa questão:

Aliás, tal como a verdade destes acontecimentos essenciais, oculta nas suas profecias, só no tempo oportuno providencialmente se revelou, analogamente entende Vieira haver uma sua continuidade essencial por desvelar que, embora prefigurada nas Escrituras, só o tempo providencial da sua emergência manifestará. Se há, em Deus, uma contenção no desvelamento do seu plano, humanamente traduzida por uma exaltação da sua beleza e maravilha, é ainda ao nível da humanidade que «a diferença dos tempos» é imagem da economia divina, compondo as situações privilegiadas para o seu desocultamento. Tais situações oportunas, evidentemente correspondes à «undécima hora» da parábola evangélica, manifestam o excesso da destinação temporal e da condição ôntica relativamente às aptidões do saber, no que respeita à inteligência dos planos da Providência (Borges, 1995, p. 95).

228

Para o Padre António Vieira, a Providência articula-se com os fluxos contínuos dos tempos e tem repercussão na trama histórica e o “benefício do tempo” expressa-se através do

³ A *Clavis Prophetarum*, foi a obra mais importante que Vieira construiu ao longo de toda sua extensa vida e ficou inacabada. As questões abordadas tratam de temas ligados a: esperança no retorno de um príncipe Encoberto; a derrota dos turcos; a conquista da Terra Santa; a instauração do Quinto Império mundial que durará mil anos; dentre outros. Na coletânea *Cartas de Lisboa: Cartas da Baía* há uma correspondência, de 27 de junho de 1669, em que Vieira escreve a Sebastião de Matos e Sousa dizendo que: “Estando eu em Lisboa todo aplicado à obra, a força de Castela e Portugal ma tiraram das mãos, querendo que, em lugar de palácios altíssimos, me ocupasse em fazer choupanas, que são os discursos vulgares que até agora se imprimiram” (Vieira, 2014a, p. 516). Para Vieira, a *Clavis Prophetarum* era os seus “palácios” e os Sermões eram às “choupanas”. Recentemente, após 300 anos, o manuscrito original da *Clavis Prophetarum*, escrito pelo Padre António Vieira, foi descoberto e apresentado no anfiteatro da Faculdade de Letras em Lisboa. O documento foi exibido em Roma na Universidade Pontifícia Gregoriana. Na verdade, segundo o site *Vatican News*, o documento foi encontrado por “especialista em literatura apocalíptica e investigadora principal do Centro de História da Universidade de Lisboa; e Arnaldo Espírito Santo, professor emérito da Faculdade de Letras, responsável por uma edição crítica do livro III da ‘Clavis’”. Por ocasião da apresentação na Faculdade, o padre Nuno da Silva Gonçalves, reitor da instituição, ressaltou que: “Estou certo de que apresentar em 2022 este manuscrito de António Vieira é motivo de satisfação para todos nós: pelo valor do manuscrito em si mesmo e porque o seu autor, Vieira, é uma figura luso-brasileira por excelência; uma figura capaz de continuar a juntar as duas margens do Atlântico”. Ver: Manuscrito original do padre António Vieira, apresentado em Lisboa. *Vatican News*, Lisboa, 31, maio 2022. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-05/manuscrito-original-padre-antonio-vieira_apresentado-em-lisboa.html. Acesso em: 03/06/2023.

METAFÍSICA DO TEMPO, DO FUTURO E DA HISTÓRIA EM...

Victor Nojosa de Oliveira / Evanildo Costeski

seu significado e sentido, que são filtrados e estabelecidos pela peneira do presente. Sendo assim, é possível, no tempo existencial de Vieira, compreender os comunicados divinos de maneira muito mais clara do que os próprios profetas que os anunciaram. É nesse sentido que Vieira utiliza a metáfora do pigmeu e do gigante,⁴ na obra *História do Futuro*:

Um pigmeu sobre um gigante pode ver mais que ele. Pigmeus nos reconhecemos em comparação daqueles gigantes que olharam antes de nós para as mesmas Escrituras. Eles sem nós viram muito mais do que nós pudéramos ver sem eles, mas nós, como viemos depois deles e sobre eles, pelo benefício do tempo vemos hoje o que eles viram, e um pouco mais (Vieira, 2015b, p. 147).

Vieira diz que os benefícios do tempo e da Providência incluíram a colaboração e a participação dos homens em seu aperfeiçoamento. Ora, é interessante notar que mesmo o Ser divino sendo “Senhor dos tempos”, estabeleceu uma margem na ordem temporal para o exercício da vontade humana. As expressões: “cavaram” e “varreram”, evidenciam o esforço empreendido e a correspondência dos sujeitos no exercício do discernimento dos mistérios temporais. Para Antônio Vieira, a partir desse empenho acumulado, a compreensão desses enigmas seria mais clara e eficiente, pois muitos empecilhos já haviam sido removidos. O que é preciso ter em vista, porém, é que está muito claro no pensamento de Vieira que o tempo, além de beneficiar, também convoca os homens para serem seus cooperadores, no entanto, o Ser divino sempre estará no comando de todos os lances temporais:

De maneira que, resumindo toda a resposta da objeção, digo que descobrimos hoje mais, porque olhamos de mais alto; e que distinguimos melhor, porque vemos de mais perto; e que trabalhamos menos, porque achamos os impedimentos tirados, porque todos os que cavaram neste tesouro e varreram esta casa foram tirando impedimentos à vista; e tudo isto por benefício do tempo ou, para o dizer melhor, por providência do Senhor dos tempos (Vieira, 2015b, p. 155).

⁴ A ilustração dos pigmeus e dos gigantes é atribuída a Bernardo de Chartres (†c.1124), um filósofo platônico francês. Provavelmente essa metáfora objetiva a relevância de abstrair verdades a partir do acúmulo de informações anteriores e que não poderiam ser desprezadas. Segundo Étienne Gilson, na obra *O espírito da filosofia medieval*, o contexto em que Bernardo viveu foi marcado pela difusão de estudos e debates que objetivavam o resgate de pensadores clássicos: “Que resta então, na atitude dos mestres medievais, que nos ofende ou que nos incomoda? Nada, talvez, a não ser sua modesta docilidade em se instruir sobre a filosofia antes de trabalhar para o seu progresso. Se isso é um crime, eles o cometeram, e não há remédio. Eles acreditaram que a filosofia não pode ser obra de um homem, qualquer que seja o gênio dele, mas que, como a ciência, ela progride por meio da paciente colaboração das gerações que se sucedem, cada uma das quais se apoiando na precedente, para superá-la. “Somos como anões nos ombros de gigantes”, dizia Bernardo de Chartres. “Vemos mais coisas que os antigos, e mais distantes, mas não é nem graças à acuidade da nossa vista, nem pelo elevado da nossa altura, é apenas por eles nos carregarem e nos alçarem com sua estatura gigantesca” (2020, pp. 519-520). Assim como Bernardo ressaltou a relevância dos intelectuais do seu tempo comparando-os com os sábios da Grécia e de Roma, Vieira lançou mão da mesma metáfora para reforçar sua disposição para estabelecer um diálogo com a efervescência do conhecimento de sua época.

O tempo vieirino tem dois hemisférios: o hemisfério superior e visível, o passado; e o hemisfério inferior /e invisível, o futuro. Entre esses dois hemisférios, no meio, permanecem os horizontes do tempo. Em Vieira, a análise adequada do tempo deve partir do presente para o futuro e do futuro para o presente. Até mesmo a cognoscibilidade do tempo só pode ser captada na sua própria efetivação, precisamente no exato instante do seu acontecer onde se entrelaçam os hemisférios (passado e futuro) e na sequência desentrelaçam-se, incidindo e gerando instantaneamente um novo horizonte: o futuro, instância das novidades, das novas regiões e novos habitantes:

O tempo (como o mundo) tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado; outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que imos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa. Desde este ponto toma seu princípio a nossa *História*, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos habitantes deste segundo hemisfério do tempo, que são os Antípodas do passado (Vieira, 2015b, p. 67).

Nessa lógica, em que o presente é a instância onde o futuro se descortina e o passado se estanca, o homem, quando corresponde ao divino, pode ser protagonista na construção do futuro na medida em que desenvolve a sensibilidade necessária para discerni-lo, e só é possível sondá-lo no Ser divino, pois Ele é quem revela os seus segredos. Diferentemente da condição humana, o Ser divino que não está condicionado ao tempo e tampouco ao espaço, faz com que o passado, o presente e o futuro sejam eternos “agora”. Daí a razão porque o Seu Decreto sempre será consistente.

Maria Abrão na obra *Lembra-te do futuro: a teologia de António Vieira à luz da História do Futuro*, diz que Vieira, invertendo os polos da história tradicional, que tenta compreender o futuro a partir do passado, parte do futuro para desvelar o presente, portanto: “a atualização do desígnio de Deus atualiza a ação humana e a torna efetivamente contemporânea. Ela faz com que o homem pertença ainda mais a seu tempo” (2012, p. 89). Esse processo de atualização pode ser verificado em uma passagem da *História do Futuro*:

[...] diz o Apóstolo São Paulo que “acomodou Deus e repartiu os séculos conforme os decretos de Sua palavra, para que das cousas invisíveis se fizessem visíveis”. Por onde não é muito que tanta parte do mundo e as gentes que o habitavam estivessem ignoradas e invisíveis por tantos séculos, e que depois chegasse um século em que se descobrissem e fossem visíveis. E assim como, corrida esta cortina, se descobrirem e manifestaram as terras e gentes de que tinham falado os profetas, assim se entenderam e descobriram também os segredos e mistérios de suas profecias. Destas terras ultramarinas encobertas e incógnitas falava Isaiás [...] (Vieira, 2015b, p. 216).

METAFÍSICA DO TEMPO, DO FUTURO E DA HISTÓRIA EM...

Victor Nojosa de Oliveira / Evanildo Costeski

Para os gregos, o movimento do tempo tem um caráter eterno, permanente, insubornável e constante. O tempo grego segue um movimento circular e funda um eterno retorno sem espaço para alterações, nessa lógica, os fatos são repetitivos. Para os romanos, o conceito de tempo atravessa o tempo dos deuses, o tempo político, o tempo do calendário, dentre outras concepções. No cristianismo, o tempo é mensurado de forma linear e progressiva, portanto, é um tempo ascendente. Em Antônio Vieira, temos uma renovação no conceito de tempo, que além de passar, projeta-se na direção da plenitude. Nesse ponto, vale destacar o que disse Manoel Cândido Pimentel na obra *De chronos a kairós: Caminhos filosóficos do Padre Antônio Vieira*:

O estudo comparativo dos textos que formam o corpus profético vieirino facilmente convence do valor crítico da ciência condicionada para a função da profecia e da exegese profética no pensamento de Vieira, tanto quanto para a ponderação do valor ontológico do tempo no papel que aí desempenha, tempo que não é linear, nem circular, nem espiral, cuja matriz teórica deve ser procurada no único tempo capaz de satisfazer a intelecção do agir de Deus na História: não é linear à semelhança do tempo histórico, típico das doutrinas do progresso indefinido ou das doutrinas que se finalizam no ouro das idades; não é circular como o tempo do eterno retorno; não é espiral a caminho de um coroamento por continuidade ou por se fazer a dialética de um trânsito em aberto (Pimentel, 2008, p. 77-78).

Devemos notar, a partir do texto citado, que o tempo tem um *telos*. O conceito espiral do tempo sugere sua progressividade e seu caráter não cumulativo. Já a ideia linear de tempo aponta para uma sucessão contínua de eventos objetivando um suposto “progresso indefinido”. O tempo cíclico tem sua dinâmica direcionada para o eterno retorno. Em Vieira, temos uma premissa de tempo que extrapola os horizontes da ideia de linearidade; para dizê-lo ainda com mais propriedade, o tempo é ascensional, considerada a sua elevação para alcançar uma instância superior, ou seja, o tempo vieirino é *Kairológico*:

O tempo em Vieira é assuntivo. O tempo da assunção não é cursivo nem recursivo, movimentos que de algum modo supõem continuidade, o ascenso ou o descenso, ou a experiência fenomenal e quantitativa de *chronos*. Situa-o melhor a noção grega de *Kairós* (καιρός). O tempo de Vieira é o tempo *kairológico* como *tempo oportuno*: por ele se explica a súbita realidade do instante em ruptura com os tempos crônicos, a imprevista erupção do divino no tempo da História. No instante *Kairotico* recolhe-se o sopro divino que torna possíveis a anunciação e a teofania. O tempo assuntivo é ainda o tempo próprio da saudade e igualmente o da esperança (Pimentel, 2008, p. 78).

Na medida em que o tempo vai se descortinando, os horizontes futurísticos, que são passáveis de apreensões concretas, vão se efetivando. No *Sermão de Quarta-Feira de Cinza* Vieira diz: “[...] porque tudo o que vive neste mundo é o que foi, e o que há de ser. Só Deus é o que é; mas por isso mesmo. Por isso mesmo: notai” (2015a, p.101). Os eventos condicionados

231

METAFÍSICA DO TEMPO, DO FUTURO E DA HISTÓRIA EM...

Victor Nojosa de Oliveira / Evanildo Costeski

são insuficientes para explicar qualquer relação de causa e efeito previamente operado no interior do tempo. Por outro lado, os acontecimentos não podem excluir o Ser divino e não são autônomos em cada instante. Por esta razão, o instante *Kairótico* abarca qualquer modalidade temporal. A partir dessa perspectiva *kairótica*, Vieira utiliza a figura dos dois espelhos para mostrar o conceito de tempo: os dois espelhos defronte exibem a dinâmica dos tempos que se foram e que hão de ser:

Nesta mesma roda natural das coisas humanas, descobriu a sabedoria de Salomão dois espelhos recíprocos, que podemos chamar do tempo, em que se vê facilmente o que foi, e o que há de ser [...]. “Que é o que foi? Aquilo mesmo que há de ser. Que é que há de ser? Aquilo mesmo que foi”. Ponde estes dois espelhos um defronte do outro, e assim como os raios do Ocaso ferem o Oriente e os do Oriente o Ocaso; assim por reverberação natural, e recíproca, achareis que no espelho do passado se vê o que há de ser, e no futuro o que foi. Se quereis ver o futuro, lede as histórias, e olhai para o passado; se quereis ver o passado, lede as profecias, e olhai para o futuro. E quem quiser ver o presente para onde há de olhar? Não o disse Salomão; mas eu o direi. Digo que olhe juntamente para um, e para outro espelho. Olhai para o passado, e para o futuro, e vereis o presente. A razão, ou consequência é manifesta. Se no passado se vê o futuro, e no futuro se vê o passado, segue-se que no passado, e no futuro se vê o presente; porque o presente é o futuro do passado, e o mesmo presente é o passado do futuro (Vieira, 2015a, p. 110).

A continuar nessa direção, o Ser divino tem uma vontade que está oculta e que será compartilhada com a comunidade humana, porém, essa partilha acontecerá providencialmente no tempo *kairológico* a partir dos próprios parâmetros estabelecidos pela ordem e disposição da sua Providência. O certo é que há uma gerência divina agindo no mundo cuja sabedoria humana jamais será capaz de capturá-la mediante a sua própria sabedoria. O tempo é a verdadeira chave hermenêutica de descortinamento do projeto divino. Ainda na *História do Futuro*, é digna de nota a seguinte passagem:

O que se descobriu é um segredo escondido a todos os séculos passados: *sacramenti absconditi a saeculis in Deo*; porque costuma Deus ter algumas coisas encobertas e escondidas por muitos séculos conforme a ordem e disposição de Sua providência [...] porque não bastam as forças da sabedoria e entendimento criado, ainda que seja de um anjo e de muitos anjos, para conhecer e penetrar os segredos de Deus, enquanto Ele quer que estejam encobertos e escondidos. Finalmente, quando se descobriu, foi no século que o mesmo Deus tinha predefinido e determinado: *secundum praefinitionem saeculorum*; porque quando chega o tempo determinado e predefinido por Deus para que Seus segredos se descubram e conheçam no mundo, só então, e de nenhum modo antes, se podem manifestar e entender. Assim que pode um sujeito menor que todos descobrir e alcançar o que os grandes e eminentíssimos não descobriram, porque esta ventura não é privilégio dos entendimentos, senão prerrogativa do tempo (Vieira, 2015b, p. 149).

A atualização do tempo romperá com sua repetibilidade, pois a identidade e a presença do Ser divino com sua Providência estão inseridos nele. Do ponto de vista da metafísica do tempo, Vieira argumenta que todas as coisas e eventos de alguma forma são

elementos figurais que refletem a vontade do Ser divino. De resto, o tempo vieiriano está intrinsecamente relacionado com as demandas de natureza política e seu gerenciamento visa persuadir as vontades individuais a se adequarem a uma vontade coesa e unificada no corpo místico. Eis aí o sentido da metafísica do tempo.

3. A natureza do tempo histórico

A história em Antônio Vieira não é mera narração de fatos que contempla a fixação do passado. Em sua avaliação, a história dos historiadores era passiva de incongruências e equívocos. Na *História do Futuro*, Vieira demonstra que sua história tem um compromisso epistemológico com a verdade, pois ela é única, universal e atemporal:

A primeira qualidade da História (quando não seja a sua essência) é a verdade; e porque esta parecerá muito dificultosa e, porventura, impossível na *História do Futuro*, será razão que, antes que vamos mais por diante, sosseguemos o escrúpulo ou receio (quando não seja o riso e o desprezo) dos que assim o podem imaginar. E pois pedimos aos leitores o assenso da fé, justo é que lhes mostremos primeiro os motivos da credibilidade, não duvidando da pia afeição de todos, pois a matéria é tanto para querer e tão sua (Vieira, 2015b, p. 137).

Nesse ponto, vale mencionar o que escreveu Ivan Lins na obra *Aspectos do padre Antônio Vieira*: “Na “*História do Futuro*” formula Vieira sérias restrições relativamente à história, como era feita até a sua época, isto é, desprovida de severo crivo crítico” (1956, p. 321). Nessa perspectiva, a concepção de gênero histórico produzida na obra *História do Futuro* estabelece dissensos com as regras de gênero da história convencional, pois não está condicionada às determinações do passado e não tem como causa última exaltar os “grandes eventos” e os “grandes personagens”. Vieira aponta para esse propósito:

Que historiador há ou pode haver, por mais diligente investigador que seja dos sucessos presentes ou passados, que não escreva por informações? E que informações não de haver que não vão envoltas em muitos erros, ou da ignorância, ou da malícia? Que historiador houve, de tão limpo coração e tão inteiro amor da verdade, que o não inclinasse o respeito, a lisonja, a vingança, o ódio, o amor, ou da sua ou da alheia nação, ou do seu ou do estranho príncipe? Todas as penas nasceram em carne e sangue, e todos na tinta de escrever as cores do seu afeto. [...] Quem quiser ver claramente a falsidade das histórias humanas, leia a mesma história por diferentes escritores, e verá como se encontram, se contradizem e se implicam no mesmo sucesso, sendo infalível que um só pode dizer a verdade, e certo que nenhum a diz. Mas isto mesmo se conhece ainda com maior evidência naquelas histórias de que temos a verdadeira relação nas Escrituras Sagradas, como são as de Noé, do dilúvio, da divisão das primeiras gentes, as dos assírios, persas, medos, romanos, egípcios, gregos e, principalmente, a dos hebreus, com as quais cortejado, como em pedra de toque, o que escreveram os Berosos, os Herodótos, os Diodoros, os Drogos, os Cúrcios, os Lúcius e todos os outros historiadores daquelas nações e tempos, apenas se acha coisa que não seja contradição da verdade [...] (Vieira, 2015b, p. 145).

A despeito da crítica que Vieira faz à história como mera narração dos fatos, o certo é que ele estabelece uma relação de complementaridade entre o passado, o presente e o futuro. Assim fazendo evita-se a tendência para digressão e para aferições e conclusões contraditórias. É possível notar que Antônio Vieira lançou mão de uma metodologia que priorizou elementos tais como: a clareza; o ordenamento e a sucessão das coisas; o contexto mais amplo do objeto; e a efetivação de uma hermenêutica:

E porque nós, em tudo o que escrevemos, determinamos observar religiosa e pontualmente todas as leis da história, seguindo em estilo claro, e que todos possam perceber, a ordem e sucessão das coisas, não nua e secamente, senão vestidas e acompanhadas de suas circunstâncias; e porque havemos de distinguir tempos e anos, sinalar províncias e cidades, nomear nações e ainda pessoas (quando o sofrer a matéria), por isso, sem ambição nem injúria de ambos os nomes, chamamos a esta narração história e *História do Futuro* (Vieira, 2015b, p. 68-69).

A autoridade da sua história consiste em seu fundamento profético e na razão. Na verdade, o profeta-historiador entende que a história está relacionada com a luz da profecia, instância sobrenatural e a luz da razão, instância natural. O conceito vieiriano de profecia sugere o pressuposto de história como processo, ou seja, ela não é fruto de episódios e eventos meramente casuais. Claro, a profecia é dotada de *telos*, ela conclama um caminho, estabelece um significado acabado e tende a ser totalizante. O profeta, segundo o pensamento vieirino, não somente tem a competência para realizar prognósticos sobre o futuro, mas deve ser munido da sensibilidade para indicar a instauração do futuro no presente:

[...] e desta mesma experiência e razões dela se qualifica claramente será a nova *História do Futuro* mais verdadeira que todas as do passado, porque elas, em grande parte, foram tiradas da fonte da mentira, que é a ignorância e a malícia humana, e a nossa, tirada do lume da profecia e acrescentada pelo lume da razão, que são as duas fontes da verdade humana e divina (Vieira, 2015b, p. 145-146).

A razão em Vieira, além de necessitar da iluminação da Graça, está metafisicamente identificada com a Providência divina. A razão busca incessantemente discernir a verdade originadora e as profecias lançam os demarcadores que servem como partidas iniciais. Ao captar a primeira verdade, as outras são deduzíveis, pois a razão natural deve ser análoga à mente de Deus. A verdade, nesse sentido, é fruto da adequação racional e necessária dos conceitos às coisas conformadas à ideia divina. Em certa medida, a profecia imprime nos instantes do acontecer histórico, as legítimas manifestações da transcendência e desloca o consciente do sujeito para vislumbrar e retroalimentar a esperança de que o Ser divino está no

domínio de toda ordem temporal. Paulo Borges ressalta com propriedade quais são as características essenciais e a finalidade das profecias:

O primeiro fim do anúncio de acontecimentos futuros é a obtenção do descentramento humano, assegurando-se que nos acontecimentos históricos se participe um sentido transcendente e providencial. Denegando a sua casualidade, ou induzindo a busca da causa primeira nas causas segundas, a profecia propicia a compreensão de toda a mediação temporal e histórica como um integral dom divino [...]. A segunda finalidade da profecia prende-se com a assunção do tempo como destinação plenificante. Trata-se de assegurar a orientação da esperança humana para o mais-ser, sempre excedente do estado actual do mundo e assim futuro, no seio dos próprios acontecimentos que o aparentam obstaculizar ou denegar [...]. O terceiro fim da profecia é o de suscitar e promover a eficiência dos empreendimentos humanos conforme a um desígnio divino, pela antecipação exemplar e normativa da sua realidade futura (Borges, 1995, p.109).

Essa indicação de que o elemento historial participa de “um sentido transcendente e providencial”, confirma a proposição vieiriana de que os eventos históricos são sombras das coisas que acontecerão no futuro. Vê-se aí na *História do Futuro*, que a história já possui um sentido último que já havia sido completado na eternidade e que ainda será realizado na sequência da história factual. Podemos compreender que, dentre outras características, a história vieirina não tem o objetivo de descobrir a origem de todas as coisas; não contém condicionantes metodológicos limitados à análise somente do presente; e aponta para uma missão indelével de anunciar os objetos do futuro:

A história mais antiga começa no princípio do mundo, a mais estendida e continuada acaba nos tempos em que foi escrita. Esta nossa começa no tempo em que se escreve, continua por toda a duração do mundo, e acaba com o fim dele. Mede os tempos vindouros antes de virem, conta os sucessos futuros antes de sucederem, e descreve feitos heroicos e famosos antes da fama e de serem feitos (Vieira, 2015b, p. 67).

Antônio Vieira deixa evidente a ideia fundamental de que a história não está sendo orquestrada pelas forças da casualidade, existe uma mordomia⁵ particular que revela a permanência efetiva do Ser divino, confirmando que todas as modalidades do tempo estão acabadas. Essa operação enigmática da história visa consolidar não somente os instantes do presente, mas instaurar a esperança que consubstanciará o futuro.

⁵ Mordomia é um axioma que deve ser compreendido no sentido de governabilidade ou economia de governo. A partir do século II, os padres da igreja desenvolveram a doutrina da “oikonomia da trindade”. O ponto principal dessa perspectiva era ressaltar a providência divina na relação com o Filho e com o Espírito Santo. Os referenciais utilizados para o desenvolvimento dessa doutrina foi o modelo administrativo dos gregos, o oikos, compreendido como a boa administração que alguém faz na dispensa de uma casa, daí deriva o termo dispensação. Será necessário recorrer ao que disse Agamben na obra *O que é o contemporâneo?* “Oikonomia significa em grego a administração do oikos, da casa, e, mais geralmente, gestão, management. Tratava-se, como diz Aristóteles (Pol. 1255 b 21), não de um paradigma epistêmico, mas de uma práxis, de uma atividade prática que deve de quando em quando fazer frente a um problema e a uma situação particular” (2009, p. 35).

METAFÍSICA DO TEMPO, DO FUTURO E DA HISTÓRIA EM...

Victor Nojosa de Oliveira / Evanildo Costeski

É interessante pontuar que, para Vieira, o ser humano pode participar ativamente do sentido transcendente e providencial da história. Segundo João Adolfo Hansen, em um artigo cujo título é: *Francisco Suárez e Antônio Vieira: metafísica, teologia-política católica e ação missionária no Brasil e no Maranhão e Grão Pará*, é possível notar que o fazer da história é fruto de um construto da relação entre a identidade absoluta e indeterminada do Ser e a correspondência dos homens mediante o livre arbítrio:

Diferentemente da temporalidade progressista do Iluminismo, que elimina Deus como fundamento e sentido da história, Vieira define a história como figura providencialmente incluída no tempo, que é finito porque é ser criado por Deus. Não é perfeito e exige a participação da vontade dos homens que, no presente, colaboram coletivamente para o seu aperfeiçoamento rumo ao dia do Juízo Final. Vieira orienta sua prática pela ideia de que os homens constroem a história com a substância do tempo participado na substância metafísica de Deus e afirma que há um modelo para tal construção. O modelo já se evidenciou no passado e é atual no presente, que o espelha, não como simples repetição do idêntico do passado, pois o tempo não é cíclico como no mito, mas como repetição da Identidade perfeita e indeterminada de Deus, que, presente em todos os tempos históricos, faz as coisas, os homens e os eventos de todos eles ser figuras proféticas da sua Vontade. Assim, como não se repetem, os tempos nunca são idênticos, mas apenas semelhantes, ou diferentes, devido à atualidade da Causa divina que os cria. O passado está gasto, é um morto, mas a interpretação da sua ruína revela os casos exemplares da intervenção providencial da vontade de Deus nele, aconselhando a justiça ao livre-arbítrio dos homens que o viveram. Então, em sua prática, Vieira formula o discurso da história como ornato da identidade divina, segundo a oposição complementar de *finito/infinito* que modela outras práticas portuguesas do século XVII (Hansen, 2019, p. 401-402).

236

Outro elemento fundamental que nos ajuda a ampliar o conceito de história em Vieira, tem a ver com o conceito de novidade. Para Vieira, a novidade sempre será ambígua, pois a história já está revelada e em franca ascensão em direção ao futuro. Como já vimos: o Ser divino, oculto na transcendência, descortinou-se, deixando lampejos na imanência histórica. Esses sinais não são repetitivos, diferentemente do futuro, que é ontologicamente marcado pelo novo. A história também é nova sem novidade. Para ser mais preciso, na convergência e divergência entre tempo e Providência, a *História do Futuro* não apresenta nada de inédito e inovador, pois Vieira apresenta uma história nova sem nenhuma novidade:

Mas porque não pareça que defendo as coisas novas, por ser necessário este escudo à minha *História*, respondo à objeção da novidade dela, e digo que em toda essa novidade, com ser tão grande, nenhuma coisa direi de novo. Propriedade é dos futuros serem todos novos, e por isso os últimos e mais distantes futuros se chamam novíssimos; mas ainda que esta *História* seja de coisas tão novas, nem por isso ela será nova. É uma história nova sem alguma novidade [...] (Vieira, 2015b, p. 166).

A julgar, então, por essas ponderações, reiteramos que para o Padre Antônio Vieira, a história é muito mais do que mestra da vida, pois o passado, o presente e o futuro, que já estão

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 226 - 244
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

cumpridos no Ser, atualizam o curso da história, e por este motivo, compreendemos que a história vieiriana possui utilidades:

Mas se a história das cousas passadas (a que os sábios chamaram “mestra da Vida”) tem esta e tantas outras utilidades necessárias ao governo e bem comum do gênero humano e ao particular de todos os homens; e se como tal empregaram nela sua indústria tantos sujeitos em ciência, engenho e juízo eminentíssimos, como foram os que em todos os tempos imortalizaram a memória deles com seus escritos, porque não será igualmente útil e proveitosa e ainda com vantagem esta nossa *História do Futuro*, quanto é mais eficaz e poderosa para mover os ânimos dos homens a esperança das cousas próprias que a memória das alheias? (Vieira, 2015b, p.79).

Diante do exposto, no próximo tópico, vamos expor o conceito de futuro, objetivando compreender os seus elementos constituintes: o aspecto condicionado e incondicionado. O sentido e a importância dessas características residem no fato de que, embora Deus detenha o conhecimento pleno dos futuros, Ele convida os seres humanos para resignificar e contribuir com o curso da história.

4. Futuro(s) e liberdade

Para o Padre Antônio Vieira, o futuro tem princípios inteligíveis e pode ser captável pela cognição humana. Narrar o futuro é ter que lidar com o paradoxo no sentido de que será preciso triunfar no tempo o próprio tempo. O futuro anunciará a confluência entre os tempos. Decorrerá nessa tarefa a necessidade de vislumbrar o movimento de todos os entes e o universo em um só instante abarcando a totalidade do passado e do presente. O futuro é tanto o resultado da revelação da eternidade, como é uma realidade latente que eclodirá em dimensões planetárias. Podemos ainda acrescentar que diferente da visão escatologicamente pessimista, Vieira tinha uma visão otimista do futuro. Na Obra *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício*, ele diz:

A coerência, e admirável coerência, é porque o tempo do meio-dia de Cristo e do mundo é este tempo futuro em que falamos, no qual a luz da fé há de ser a maior e mais intensa, sem sombra nem escuridade de erros; e em tal tempo e tal estado perguntar a Cristo onde apascenta é ignorância, porque então há de apascentar Cristo em todo mundo universalmente, sem ter lugar ou *ubi* particular (digamo-lo assim) onde se haja de buscar este único Pastor, ou seus pastos, ou suas ovelhas, porque as velhas, os pastos e o Pastor hão-se de achar em todo mundo e em qualquer parte dele (Vieira, 2015c, p. 328).

Vieira admite a probabilidade dos futuros contingentes. Assim sendo, os seres humanos não reúnem por si só a capacidade de antecipar o futuro, porém, participam com o Ser em sua construção. O futuro é caracterizado por variáveis e dentre essas possibilidades, algumas

METAFÍSICA DO TEMPO, DO FUTURO E DA HISTÓRIA EM...

Victor Nojosa de Oliveira / Evanildo Costeski

acontecerão por eleição. Somente Deus não está sujeito às variações do que poderia não ser e do que poderia não existir. Nessa direção, podemos dizer, no caso dos futuros contingentes e condicionais, que há ontologicamente características repletas de possibilidades e somente Deus pode conhecer exhaustivamente os instantes das ordens atemporais e temporais e determinar aos futuros à condição de possibilidade de submissão a uma de suas variáveis. No *Sermão da primeira Oitava da Páscoa*, Vieira diz que: “Dos futuros condicionais, e contingentes, ninguém é sabedor, senão Deus, e os Seus Profetas” (2015b, p. 131).

O futuro contingente quando se realiza na factualidade histórica não é à revelia da vontade do Ser divino, na verdade, Ele sempre estará na orquestração dos fluxos do futuro, ou seja, Deus age imediata e mediatamente para que o futuro aconteça conforme a sua sabedoria e soberania. Na *História do Futuro*, Antônio Vieira reflete sobre esse tema:

Quando as coisas futuras que se predizem são meramente contingentes, dependentes só da vontade divina ou do livre alvedrio alheio, angélico ou humano, e tais que só Deus as conhece e pode conhecer, se as ditas coisas sucederem assim como foram antecedente ditas e prenunciadas, o sucesso e efeito delas é prova certa e evidente de que foram reveladas por Deus e conhecidas por lume sobrenatural e profético [...] É certo e de fé, como provam todos os teólogos com São Tomás, que os futuros meramente contingentes, dependentes da vontade livre divina, angélica ou humana, só a ciência de Deus os conhece e só os pode conhecer aquele a quem o mesmo Deus os quiser revelar: [...] coisas de que fala esta conclusão são futuros meramente contingente <es> [...] <de vontade livres> e foram ditas e anunciadas, como supomos, antes que sucedessem e quando realmente eram futuras: logo prova-se que foram <reveladas> por Deus e conhecidas por quem as disse como lume sobrenatural e profético; porque em toda a capacidade da <c> iê <nci> a natural e criada não há meio nem princípio algum por onde se pudessem antever ou pronunciar (Vieira, 2015b, p. 317).

238

O atributo da presciência de Deus necessariamente se antecipa às escolhas dos indivíduos, Ele está no controle dos futuros, ainda que exija a participação do ser humano em sua construção. A problemática e a tensão entre a presciência divina e a liberdade humana já havia sido elaborada por Luis de Molina, em sua *Concórdia* (2010)⁶. É muito provável que Vieira tenha lançado mão desse debate para direcionar sua análise. Molina sustentava que existem coisas que dependem de Deus, outras que acontecem necessariamente e ainda outras que se efetivam por determinação do livre arbítrio. Tanto para Molina como para Vieira, Deus

⁶ Luis de Molina nasceu em 1535, em Cuenca, e faleceu em 12 de outubro de 1600 em Madrid, Espanha. Foi teólogo e membro da Companhia de Jesus. Molina foi ordenado sacerdote em 1561 e iniciou o seu trabalho como professor em 1663. Uma das bandeiras levantadas por Molina foi a da valorização do livre arbítrio, consequentemente opondo-se ferrenhamente a qualquer proposição determinista e fatalista. Para Molina, a ciência natural, que é inerente ao Ser divino, tem o conhecimento pleno de todas as coisas, abarcando a completude dos seres necessários e contingentes. Já a ciência livre é caracterizada pela permissão do conhecimento absoluto e determinado do Divino.

é o fundamento primeiro que criou livremente todas as coisas. Vejamos uma passagem na *Corcordia* que descreve bem essa temática:

[...] devemos atribuir exclusivamente à vontade divina e livre a raiz de toda a contingência que observamos tanto na existência daquilo que num primeiro momento Deus sozinho produziu, como a constituição deste universo em todas as suas partes e conteúdo, como no facto de que se conserve e persevere tudo aquilo cuja conservação depende exclusivamente de Deus (Molina, 2010, p. 283, tradução nossa)⁷.

As implicações da relação entre presciência e liberdade diz respeito ao fato de que se o conhecimento prévio é exaustivo e objetivo como compreender a sua operação com a relativa liberdade das criaturas e as determinações da contingência? Para Molina, o conhecimento de Deus não pode ser efetivado quando as coisas estão em ato, e se assim fosse, os atributos divinos estariam se esvaziando e humanizando-se. Para solucionar esse impasse e evitar o caminho do determinismo fatalista, Molina formulou o conceito de ciência média que objetivou preservar o conhecimento prévio de Deus sem prejuízo para o livre arbítrio. Na verdade, Molina denominou de terceira ciência, que se situa entre a ciência natural e a livre: “devemos distinguir em Deus uma tripla ciência, se não queremos errar ao tratar de conciliar a liberdade do nosso arbítrio e a contingência das coisas com a presciência divina” (Molina, 2010, p. 329, tradução nossa).⁸

239

Sob esse aspecto, podemos depreender que o conceito de ciência média é a capacidade e a liberdade que Deus possui de prever todos os atos do futuro e do livre arbítrio. Deus decide criar e ordenar as circunstâncias e recebe cooperações de conformidade com sua abertura, porém, sua presciência jamais se imporá arbitrariamente contra o exercício do livre arbítrio. Na ciência média, Deus compreende todo livre arbítrio posto nas variáveis das ordens e pode agir de forma oposta.

Por aí se compreende que no pensamento vieirino existem coisas condicionadas, que são os futuros que serão desenvolvidos através do exercício da liberdade humana, e as coisas incondicionadas, em que residem os futuros que são oriundos da liberdade do Ser divino. Em outras palavras, só é possível ao indivíduo participar em certa medida das dinâmicas do Ser por meio do livre arbítrio. Se existem diferentes tempos, existe liberdade, entretanto, na

⁷ No original: “radix totius contingentiae quae cernitur tum in eo, quod fuerint ea quae primo a solo Deo producta sunt, qualis fuit prima constitutio huius mundi universi quoad omnes suas partes atque ornatos illius, tum etiam in eo, quod conserventur et perseverent ea quorum conservatio a solo Deo pendet, soli liberae voluntati divinae est tribuenda”.

⁸ No original: “Triplicem scientiam oportet distinguamus in Deo, nisi periculose in concilianda libertate arbitrii nostri et contingentia rerum cum divina praescientia hallucinari velimus”.

METAFÍSICA DO TEMPO, DO FUTURO E DA HISTÓRIA EM...

Victor Nojosa de Oliveira / Evanildo Costeski

História do Futuro, Vieira destaca que o Ser possui a liberdade absoluta para revelar os futuros livres e contingentes a quem ele quiser:

Já dissemos que os futuros livres ou contingentes (qual é o império que prometemos) só são manifestos a Deus e a quem Deus os quer revelar. E assim, para fundarmos bem a esperança deste grande futuro, devemos recorrer principalmente aos que a fé nos ensina que foram verdadeiros profetas, entre os quais, como também deixámos dito, tem o primeiro lugar Daniel, não só pelo espírito de profecia de que foi tão superiormente ilustrado, mas porque o fez Deus particular profeta dos reinos e das monarquias (Vieira, 2015b, p. 439).

Nessa dinâmica, o exercício da vontade é um ordenamento do Ser divino por atribuição e os seres devem refletir o Ser. Não há uma relação determinista e fatalista entre Deus e os seres, pois os homens podem recusar ou aceitar as determinações do Ser divino. Para Antônio Vieira, somente na condição de desprovido de humanidade e privado de entendimento, o ser humano teria condição absoluta de viver sem parâmetro moral que pudesse reger o exercício da vontade. Isso não é possível porque a vontade é um atributo divino inerente à natureza humana. Na obra *A Chave dos Profetas*, Vieira expõe bem esse ponto:

Sendo certo que a lei natural, segundo a concepção de muitos, não é outra coisa senão a própria natureza humana, ou, segundo a opinião mais comum, um ditame da mesma natureza racional, que aponta e distingue o bem e o mal e que ordena o que deve fazer-se ou evitar-se; para conceber a ignorância acerca da lei natural parece absolutamente necessário que o próprio homem, desconhecendo completamente sua natureza, há de ignorar que é homem, algo que ninguém, a menos que privado de entendimento, há de imaginar acerca de si mesmo ou de outrem (Vieira, 2014a, p. 423).

240

Quer dizer, Vieira pontua que a liberdade é uma estrutura inerente ao ente moral. Nesse caso, ela é essencialmente dotada de aspectos transcendentais e racionais. A alma é moralmente detentora da liberdade e detém o poder de mando e governo da razão e dos apetites, ao passo que é também a instância vinculadora da ordem suprassensível. Como se não bastasse, a liberdade nesses termos vieirianos propiciará o conhecimento de si mesmo. No Sermão *As cinco pedras da funda de Davi, em cinco discursos morais*, temos um complemento importante dessa reflexão:

Almas, almas, vivei como almas: se conheceis que a alma é racional, governe a razão, e não o apetite; se conheceis que é imortal, desprezai tudo aquilo que morre, e acaba; se conheceis que é celeste, pisai, e metei debaixo dos pés tudo que é terra. Finalmente se conheceis que é divina, amai, servi, louvai, e aspirai só a Deus: este é o verdadeiro conhecimento de si mesmo, e esta a primeira pedra do nosso Davi; mas se ela não bastar, ainda lhe ficam no surrão outras quatro (Vieira, 2015c, p. 58-59).

No Sermão *da Sexagésima*, Vieira continua reforçando a premissa fundamental de que o conhecimento de si, é o princípio de ação moral e, portanto, livre: “Que coisa é a

METAFÍSICA DO TEMPO, DO FUTURO E DA HISTÓRIA EM...

Victor Nojosa de Oliveira / Evanildo Costeski

conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro em si, e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é necessária luz, e é necessário espelho” (2015a, p. 50). É interessante mencionar que a dignidade e a liberdade do ser humano são entendidas como uma dimensão subjetiva. É por esta razão, que ele parte da alma para encadear a lógica do seu argumento. Ainda no Sermão *As cinco pedras da funda de Davi, em cinco discursos morais*, a alma, cuja essência é atemporal, não somente legitima as marcas expressas da moral no sujeito humano como cópia, mas reflete os atributos do Ser divino que é perfeito e original:

Tenho acabado o meu discurso, e só vejo me poderão dizer contra ele que pus o conhecimento de si mesmo em uma coisa que se não conhece: é verdade que nós nesta vida não conhecemos a nossa alma, como é em si mesma, ou *quidditative*, como falam as escolas; mas porque a alma se não conhece a si, por isso mesmo se pode conhecer melhor: não quis Deus que o homem tivesse próprias espécies de sua alma, porque pertencia à dignidade de uma criatura tão nobre, e tão aparentada com Deus, que assim como Deus nesta vida se conhece por fé, assim se conhece por fé também a alma. Não digo que a alma se não conhece naturalmente nesta vida, mas quando se conhece naturalmente, é também como Deus pelos efeitos: conhecer a Deus, e a alma em seu próprio ser, e substância é felicidade, e ciência reservada para a outra vida; e a razão é: porque como a alma é uma imagem perfeitíssima de Deus, só à vista do original se pode conhecer perfeitamente a cópia. Oh! grande perfeição da alma, que não se haja de ver em outro espelho, que no da face de Deus! (Vieira, 2015c, p. 57).

O autoconhecimento é uma mola propulsora operada no interior da razão e se traduz na reprodução da vida moral. Para ilustrar essa dinâmica processada na razão, Vieira, utiliza a imagem de Alexandre pintada em um quadro pelo artista Apeles, como uma representação da autognosia. Por outro lado, Alexandre é figurado como a efetivação da moral implicado em gestos concretos, nesse sentido, ele foi um conquistador:

Grande pedra; e com razão a primeira; porque neste mundo racional do homem, o primeiro móbil de todas as nossas ações é o conhecimento de nós mesmos [...] A imagem mais perfeita, a proporção mais ajustada, a medida mais igual da obra é o conhecimento de si mesmo em quem a faz. Quando Apeles pintava Alexandre, tinha na mente a Alexandre: quando Alexandre conquistava o mundo, tinha na mente a si mesmo. Na ideia de Apeles cabia Alexandre em um quadro: na ideia de si mesmo não cabia Alexandre no mundo; por isso o conquistou todo (Vieira, 2015c, p. 46-47).

A liberdade humana faz com que os sujeitos sejam senhores de si mesmo e responsáveis no que diz respeito ao bem-estar pessoal e coletivo. No *Sermão da Primeira Domingo do Advento*, Vieira diz: “No nascimento somos filhos de nossos pais, na ressurreição seremos filhos de nossas obras” (2014d, p. 151). A consciência e a liberdade são os princípios que devem consubstanciar a racionalidade. A pessoa humana, enquanto substância, é um ente real e não abstrato, é um indivíduo dotado de pessoalidade e personalidade, e por esta razão, no *Sermão As cinco pedras da funda de Davi, em cinco discursos morais*, Vieira valoriza a

241

dignidade da pessoa humana dizendo que: “[...] não se acomoda quanto eu quisera, nem com o meu juízo, nem com meu auditório, e muito menos com o meu argumento: com o meu juízo não; porque eu faço um conceito mui alto do homem [...]” (2015c, p. 49).

Vieira menciona que o ser humano exercita o seu livre arbítrio, tomado como ponto de partida a razão: “Assim foi, assim é, e assim será sempre. O coração, os pés, as mãos, as asas, tudo vem da cabeça, que é o molde da própria fantasia. Se esta for de homem, as ações serão racionais; se de águia, altivas; se de leão, generosas; se de boi, vis” (2015c, p. 48).

Eis aí o que procuramos demonstrar: o Ser divino é onisciente e, por esta razão, sua eternidade é imóvel, Ele detém todos os tempos possíveis. Já os seres criados, estão presos às ordens temporal e espacial. A eternidade é imensurável, perpétua e está fora do tempo. Somente o Ser com sua inteligência sabe os verdadeiros futuros, contudo, vê-se que o livre arbítrio possui um ordenamento que impele o seu exercício a ter que lidar inexoravelmente com as coisas condicionadas e incondicionadas, porém, o verdadeiro futuro depende da vontade do Ser.

Considerações finais

242

O nosso artigo apresentou o conceito de metafísica do tempo, do futuro e da história. Diante dessa empreitada, nossa escolha metodológica visou estabelecer uma coesão hermenêutica razoável no sentido de tratar o pensamento de Vieira, no que diz respeito à temática da unidade ontológica que unifica a totalidade de todas as coisas, de forma adequada.

Nessa mesma direção, o que procuramos discutir ao longo deste trabalho nos fez compreender que o conceito de temporalidade não subsiste sem o fundamento teleológico e providencial, ou seja, o passado, o presente, o futuro e as demandas atemporais não são dimensões lançadas ao ermo da casualidade. Nessa complexidade que rege as determinações temporais, o Ser divino está orquestrando um projeto regenerador que visa conduzir todas as coisas ao ápice.

Nesse ponto, concluímos que o tempo vieiriano possui materialidade, pressuposto que o colocou em colisão com a ortodoxia católica. E, assim, o tempo não pode ser um mero alongamento da alma, assim como o passado não pode ser apenas recordação. Para o Padre Antônio Vieira, o passado é o elo mediante o qual o futuro, que não pode ser mera expressão do desejo, será inscrito a partir do instante do presente. É preciso lembrar que as análises vieirinas lidam com objetos simbólicos, tipológicos e enigmáticos, cujo significado oculto exige

METAFÍSICA DO TEMPO, DO FUTURO E DA HISTÓRIA EM...

Victor Nojosa de Oliveira / Evanildo Costeski

um esforço hermenêutico. Vieira se colocou como intérprete dos comunicados do Ser que só podem ser captáveis com a aproximação dos eventos profetizados. Nesse âmbito, o sujeito humano reunirá todas as condições para conhecer a realidade e para apreender o exato instante do presente que está escondido atrás do enigma da aparência e vislumbrar as marcas do divino no mundo sensível e suprassensível. Especificando mais essa questão, aludimos que a ordem transcendente lança mão dos seres materialmente delineados e põe neles Suas qualidades. É nesse sentido que a instância da realidade carrega consigo comunicados metafísicos e transcendentos.

Comprendemos que o Padre Antônio Vieira concebia a relevância da participação humana na construção da história e do futuro. Isso ficou muito evidente quando vimos também que o ser humano é um sujeito de vontade, portanto, responsável pelas suas decisões. Vieira ressaltou a importância do livre arbítrio como um elemento que dignifica o ser humano e o conecta ao divino e ao próximo. Se o ser humano tem liberdade, a história pode passar pelo processo de transformação e aperfeiçoamento, assim sendo, na história do gênero humano, o sujeito redescobre o seu *telos* final. Por esta razão, o Padre Antônio Vieira lançou mão da premissa fundamental de que os eventos da história aludem à definição dos aspectos salvacionistas da humanidade.

243

Referências bibliográficas

ABRÃO, Maria. **Lembra-te do futuro: a teologia de Antônio Vieira à luz da História do Futuro**. São Paulo: Edições Loyola; Recife: Universidade Católica de Pernambuco UNICAP, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BORGES, Paulo. **A Plenificação da História em Padre Antônio Vieira. Estudo sobre a Ideia de Quinto Império na Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1995.

HANSEN, João Adolfo. **Francisco Suárez e Antônio Vieira: metafísica, teologia-política católica e ação missionária no Brasil e no Maranhão e Grão Pará**. *Revista Labor Histórico*, Rio de Janeiro, 5 (2): 395-410, jul. | dez. 2019.

LINS, Ivan. **Aspectos do padre Antônio Vieira**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

MOLINA, Luis de. **Concordia liberi arbitrii cum gratiae donis, divina praescientia, providentia, praedestinatione et reprobatione (1588)**. Edição Latino. Whitefish, Montana: Kessinger Publishing, 2010.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 226 - 244
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

METAFÍSICA DO TEMPO, DO FUTURO E DA HISTÓRIA EM...

Victor Nojosa de Oliveira / Evanildo Costeski

PIMENTEL, Manuel Cândido. **De chronos a kairós: Caminhos filosóficos do Padre Antônio Vieira**. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

GILSON, Étienne. **O espírito da filosofia medieval**. Tradução Eduardo Brandão. 2a ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.

VIEIRA, António. **Cartas de Lisboa: Cartas da Baía**. In *Obra Completa*, t. I, v. IV. São Paulo: Loyola, 2014a.

VIEIRA, António. **Sermão da Sexagésima e Sermões da Quaresma**. In *Obra completa*, t. II, v. II. São Paulo: Edições Loyola, 2015a.

VIEIRA, António. **Sermões da Páscoa e do Pentecoste**. In *Obra completa*, t. II, v. V. São Paulo: Edições Loyola, 2015b.

VIEIRA, António. **Sermões da Quaresma e da Semana Santa**. In *Obra completa*, t. II, v. IV. São Paulo: Edições Loyola, 2015c.

VIEIRA, António. **Sermões do Advento, do Natal e da Epifania**. In *Obra Completa*, t. II, v. I. São Paulo: Edições Loyola, 2014d.

VIEIRA, António. **A Chave dos Profetas**. In *Obra completa*, t. III, v. V. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

VIEIRA, António. **História do Futuro e voz de Deus ao mundo, a Portugal e a Baía**. In *Obra completa*, t. III, v. I. São Paulo: Edições Loyola, 2015b.

VIEIRA, António. **Defesa perante o tribunal do Santo Ofício**. In *Obra completa*, t. III, v. II. São Paulo: Edições Loyola, 2015c.

244